

CAPITULO X

IX — LEI DE LIBERDADE

1. Liberdade natural. — 2. Escravidão. — 3. Liberdade de pensar.
 — 4. Liberdade de consciencia. — 5. Livre arbitrio. — 6. Fadado movel das acções humanas.

Liberdade natural

825. Ha posições sociaes em que o homem possa yangloriar-se de liberdade absoluta?

“ Não, porque todos vós, pequenos e grandes, tensdes necessidade uns dos outros ».

826. Em que condição poderia o homem gozar de liberdade absoluta?

“ Na do eremita em um deserto. *Desde que haja dois homens juntos, já têm direitos a respeitar e, por consequencia, deixam de ter liberdade absoluta.* ».

827. A obrigação de respeitar os direitos de ou-
trem tira ao homem o direito de ser senhor de si?

“ De modo algum, pois que esse direito lhe vem da natureza ».

828. Como conciliar as opiniões liberaes de cer-
tos homens com o despotismo que ás vezes exercem na vida intima e sobre os seus subordinados?

“ Esses homens têm a comprehensão da lei natural obliterada pelo orgulho e pelo egoísmo. Compre-

hendem o que deve ser, quando os seus principios não são uma comedia representada por calculo, mas não o fazem. »

— Ser-lhes-ão levados em conta na outra vida os principios que professaram nesta?

“ Quanto mais intelligencia a pessoa tem para comprehendêr um principio, menos desculpa lhe cabe si o não applicar a si mesmo. Digo-vos na verdade que o homem simples, mas sincero, está mais adiantado no caminho de Deus do que aquelle que procura parecer o que não é. »

Escravidão

829. Ha homens que estejam, por natureza, destinados a ser propriedade de outros homens?

“ Toda sujeição absoluta de um homem a outro é contraria á lei de Deus. A escravidão é um abuso da força; desapparecerá com o progresso, como hão de ir desapparecendo pouco a pouco todos os abusos. »

A lei humana que consagra a escravidão é anti-natural, porque assemelha o homem ao bruto e o degrada moral e phisicamente.

830. Quando a escravidão está nos costumes de um povo, são reprehensíveis os que della se aproveitam conformando-se a um uso que lhes parece natural?

“ O mal é sempre o mal, e todos os vossos sophismas não farão com que qualquer má accão se torne boa; mas a responsabilidade do mal é sempre relativa aos meios que cada um tem para o comprehendêr. Aquelle que se aproveita da lei da escravidão é sempre culpado de violencia á lei da natureza; mas nisto como em todas as coisas, a culpabilidade é relativa. Estando a escravidão admittida nos costumes de certos povos, o homem pôde ter-se aproveitado della de boa fé e como de uma coisa que lhe parecia natural; mas desde

que a sua razão, mais desenvolvida e, sobretudo, esclarecida pelas luzes do Christianismo, lhe mostrou no escravo um seu igual perante Deus, toda desculpa é inadmissivel. »

831. A desigualdade natural de aptidões não coloca certas raças humanas na dependencia das raças mais intelligentes?

«Sim, para levantar-as, e não para embrutecel-as ainda mais pela servidão. Os homens consideraram por largo tempo certas raças humanas como animaes do trabalho munidos de braços e mãos, e julgam-se com direito de os vender como irracionaes. Julgam-se de sangue mais puro; insensatos que só vêem a mataria! Não é o sangue, mas o espirito que pôde ser mais ou menos puro.» (361-803).

832. Ha homens que tratam os escravos com humanidade, não lhes faltam com coisa alguma e pensam que a liberdade destes os exporia a mais privações; que dizeis a respeito?

«Digo que comprehendem melhor os seus interesses; tratam tambem com muito cuidado dos seus bois e cavallos, afim de os vender por maior preço. Não são tão culpados como aquelles que maltratam os escravos; mas nem por isso deixam de dispor delles como de uma mercadoria, privando-os do direito de se pertencerem.»

Liberdade de pensar

833. Ha no homem alguma coisa que escape a qualquer constrangimento, e na qual goze de liberdade absoluta?

«E' pelo pensamento que o homem goza da liberdade sem limites, pois o pensamento não conhece obstaculos. Podeis conter-lhe o arrojo, mas nunca aniquilal-o.»

834. O homem é responsavel pelo seu pensamento?

«E' responsavel perante Deus; só Deus o pôde conhecer, e condena-o ou absolve-o segundo a sua justiça.»

Liberdade de consciencia

835. A liberdade de consciencia é um effeito da liberdade de pensar?

«A consciencia é pensamento intimo que pertence ao homem, como todos os outros pensamentos.»

836. O homem tem o direito de oppor obstaculos á liberdade de consciencia?

«Não, como não o tem de impedir a liberdade de pensar. Só a Deus pertence o direito de julgar a consciencia. Si o homem regula pelas suas leis as relações sociaes, Deus, pelas leis da natureza, regula as relações do homem comsigo.»

837. Qual é o resultado dos impedimentos á liberdade de consciencia?

«Constranger os homens a procederem em contradição com o que pensam, isto é, tornal-os hypocritas. A liberdade de consciencia é um dos caracteristicos da verdadeira civilização e do progresso.»

838. Todas as crenças são respeitaveis, ainda quando notoriamente falsas?

«Todas as crenças são respeitaveis, quando sinceras e conducentes á practica do bem. Censuraveis são simplesmente as que conduzem ao mal.»

839. E' reprehensivel escandalizar na sua crença aquelle que não pensar como nós?

«Além de falta de caridade é contrariar a liberdade de pensamento.»

840. Será atacar a liberdade de consciencia combater as crenças que perturbam a sociedade?

«Podeis reprimir os actos, mas a crença intima é inacessivel.»

Reprimir os actos extériores de uma crença, quando trazem um prejuizo qualquer a outrem, não é atacar a liberdade de consciencia, porque essa repressão deixa á crença a sua inteira liberdade.

841. Devemos, em respeito á liberdade de consciencia, deixar propagar doutrinas perniciosas, ou podemos sem atacar essa liberdade, diligenciar reconduzir ao caminho da verdade os que se deixaram transviar pelos falsos principios?

«Certamente que podeis, e é até um dever; mas ensinai, a exemplo de Jesus, pela douçura e persuasão, e não pela força, o que seria peor que a crença daquelle a quem quizesseis convencer. Si alguma coisa ha que vos seja permitido impôr, é o bem e a fraternidade; mas não cremos que o meio de os fazer aceitar seja a violencia; a convicção não se impõe.»

842. Tendo todas as doutrinas a pretensão de serem a unica expressão da verdade, por que signaes podemos reconhecer que tem o direito de se apresentar como tal?

«Será a que fizer mais homens de bem e menos hypocritas, isto é, a que fizer maior numero de homens que pratiquem a lei de amor e caridade na sua maior pureza, e na sua mais vasta applicação. Por este sinal reconheceres que uma doutrina é boa, pois toda doutrina que tenha por efecto semear a desunião e estabelecer demarcações entre os filhos de Deus, não pôde deixar de ser falsa e perniciosa.»

Livre arbitrio

843. O homem tem o livre arbitrio dos seus actos? «Desde que elle tem a liberdade de pensar, tem a

de agir. Sem livre arbitrio o homem seria uma máquina.»

844. O homem goza do livre arbitrio desde que nasce?

«A liberdade de accão existe desde que a vontade apparece. Nos primeiros tempos da vida a liberdade é quasi nulla: desenvolve-se e muda de objectivo com as faculdades. A crença, tendo pensamento em relação ás necessidades da sua idade, applica o livre arbitrio ás coisas que lhe são necessarias.»

845. As predisposições instinctivas do homem ao nascer não são obstáculo ao exercicio do livre arbitrio?

«As predisposições instinctivas são as do espirito antes da sua incarnatione; segundo o seu estado mais ou menos adiantado, essas predisposições podem levar-o a actos reprehensiveis, no que será secundado por espiritos que com elles sympathisem; mas não ha arrastamento irresistivel quando se tem vontade de resistir. Lembrai-vos que querer é poder.» (361).

846. A organização não terá influencia nos actos da vida, e se a tem, não prejudica o livre arbitrio?

«O espirito é, com effeito, influenciado pela materia, que pôde entravar-lhe as manifestações; eis por que, nos mundos onde os corpos são menos materiaes do que na terra, as faculdades se desenvolvem com mais liberdade; mas o instrumento não dá a faculdade. Demais é preciso distinguir as faculdades moraes das intellectuaes; si um home tem o instinto do homicidio, é por certo o seu espirito que o tem e que lh' o dá, e não os seus orgãos; aquelle que esteriliza o pensamento para só se ocupar da materia, torna-se semelhante ao bruto, e peor ainda, porque não pensa mais em se premunir contra o mal, e nisso é que está a sua falta, porquanto procede por vontade propria.» (Vide 367 e seguintes, *Influencia do organismo*).

847. A aberração das faculdades tira ao homem o livre arbitrio?

« Aquelle cuja intelligencia é perturbada por uma causa qualquer, deixa de ser senhor do pensamento e, por consequencia, deixa de ter liberdade. Essa aberração é muitas vezes uma punição para o espirito que, em outra existencia, pôde ter sido vão e orgulhoso e haver feito mau uso das suas faculdades. Pôde renascer no corpo de um idiota, como o despota no de um escravo e o mau rico no de um mendigo; mas o espirito soffre com esse constrangimento, de que tem perfeita consciencia; é ahi que está a accão da materia. » (361 e seguintes).

848. À aberração das faculdades intellectuaes pela embriaguez desculpa os actos reprehensiveis?

« Não, porque o ebrio privou-se voluntariamente da razão para satisfazer paixões brutaes; em vez de uma commette duas faltas. »

849. No homem em estado selvatico qual é a faculdade dominante: o instincto ou o livre arbitrio?

« O instincto; o que o não impede de obrar com inteira liberdade em certos casos; mas, como a creança, applica essa liberdade ás suas necessidades; a liberdade desenvolve-se com a intelligencia; por conseguinte, vós que sois mais esclarecido do que um selvagem, sois tambem mais responsavel pelo que fazeis, do que elle. »

850. A posição social não é ás vezes obstaculo á inteira liberdade dos actos?

« Por certo que o mundo tem as suas exigencias; Deus é justo, leva tudo em conta, mas deixa-vos a responsabilidade do pouco esforço que fazeis para vencer os obstaculos. »

Fatalidade

851. Ha alguma fatalidade nos acontecimentos da vida, segundo o sentido que se liga a esta palavra; isto é, todos os acontecimentos são decretados com

antecedencia? neste caso, a que se reduz o livre arbitrio?

« A fatalidade só existe pela escolha que o espirito faz, ao incarnar-se, da prova por que quer passar; escolhendo-a, estabelece para si uma especie de destino, que é a consequencia necessaria da posição em que se acha collocado; refiro-me ás provas physicas, porque, pelo que diz respeito ás provas moraes e ás tentações, o espirito, conservando o livre arbitrio para o bem e para o mal, é sempre senhor de ceder ou de resistir. Um espirito bom, vendendo-o fraquear, pôde vir em seu auxilio, mas não pôde influir de modo a dominar-lhe a vontade. Um espirito mau, isto é, inferior, mostrando-lhe ou exagerando-lhe um perigo physico, pôde abalal-o, assustal-o, mas a vontade do espirito incarnado não deixa por isso de ser livre de todos os obstaculos. »

852. Ha pessoas a quem uma fatalidade parece perseguir, independentemente do seu modo de proceder; não existe a infelicidade no destino dessas pessoas?

« São talvez provações por que devem passar e que elles mesmo escolheram; mas, torno a dizer, lanches á conta do destino o que quasi sempre só é consequencia da vossa propria culpa. Nos males que vos affligem diligiae sempre que a vossa consciencia esteja pura, e sereis em parte consolados. »

As ideias verdadeiras ou falsas que formamos das coisas, fazem que sejamos bem ou mal sucedidos segundo o nosso carácter e posição social.

Achamos mais simples e menos humilhante para o nosso amor proprio attribuir os nossos insucessos á sorte ou ao destino e não á propria incuria. Si a influencia dos espiritos contribue ás vezes para isso, podemos sempre subtrahir-nos a essa influencia, repellindo as ideias que elles nos sugerem quando sejam más.

853. Certas pessoas parece que só escapam de um perigo mortal, para cahirem noutro; dir-se-ia que não tinham de escapar á morte. Não ha nisso fatalidade?

« Não ha fatalidade, no verdadeiro sentido da palavra, sinão no instante da morte; quando esse momento chega, quer seja por um modo ou por outro, não podeis escapar-lhe. »

— Assim, qualquer que seja o perigo que nos ameace, si a hora não fôr chegada não morremos?

« Não, não morrereis e disso tendes milhares de exemplos; mas, quando a hora de partir tiver chegado, nada poderá deter-vos. Deus sabe antecipadamente por que genero de morte partireis daqui, e muitas vezes o espirito tambem o sabe, porque isso lhe é revelado quando faz a escolha de tal ou de tal existencia. »

854. Da infallibilidade da hora da morte segue-se que todas as precauções tomadas para evital-a são inuteis?

« Não, pois as precauções que tomaes vos são sugeridas com o fim de evitar a morte que vos ameaça; são um dos meios para que a morte não tenha logar. »

855. Que fim tem a providencia em nos fazer correr perigos que não chegam a ter consequencias?

« Um perigo que ameaça a vida é um aviso que desejas, afim de vos desviar o mal e tornar-vos melhor. Quando escapaes a esse perigo ainda sob a influencia do risco que correistes, pensaes, mais ou menos decididamente, segundo a accão mais ou menos forte dos bons espíritos, em vos melhorar. Sobreindo o mau espirito (digo mau subentendendo o mal que ainda existe nello), pensaes escapar do mesmo modo a outros perigos, e de novo deixaes desencadearem-se as paixões. Pelos perigos que correis, Deus vos recorda a vossa fraqueza e a fragilidade de vossa existencia. Si examinardes a causa e a natureza do perigo, vereis que, as mais das vezes, as suas consequencias são a punição de uma falta commettida ou

de um dever negligenciado. Por esse modo Deus vos adverte para que o lembrais e vos emendeis. » (526-532).

856. O espirito sabe com antecedencia o genero de morte a que deve succumbir?

« Sabe que o genero de vida que escolheu o exerce mais a morrer de um modo que de outro; mas sabe tambem as luctas que tem de sustentar para evitá-la, e que se Deus o permittir, não succumbirá. »

857. Ha homens que affrontam os perigos dos combates, persuadidos de que a sua hora ainda não chegou; ha algum fundamento nessa confiança?

« Muitas vezes o homem tem o presentimento do seu fim, como pôde ter o de não morrer ainda. Esse presentimento vem-lhe dos espíritos protectores, que o advertem afim de se preparar para partir ou lhe reanimam a coragem nos momentos em que lhe é mais necessaria. Esse presentimento pôde vir ainda da intuição que elle tem da existencia escolhida, ou da missão que acceptará e que sabe ter de desempenhar. » (411-522).

858. Porque razão aquelles que presentem a morte temem-na geralmente menos que os outros?

« E' o homem que teme a morte e não o espirito; aquelle que a presente, pensa mais como espirito que como homem; comprehende a sua restituição á liberdade e espera-a. »

859. Si a morte não pôde ser evitada quando deve ter logar, dá-se o mesmo caso em todos os accidentes que nos sobrevêm no decurso da vida?

« Isso são quasi sempre coisas pequenas de mais para podermos prevenir-vos delas e, algumas vezes, fazer-vos evitá-las dirigindo-vos o pensamento, pois não gostamos do sofrimento material; mas isso é pouco importante para a vida que haveis escolhido. Verdadeiramente, só ha fatalidade na hora em que deveis aparecer e desapparecer da terra. »

— Ha factos que devam forçosamente acontecer e que a vontade dos espiritos não possa conjurar?

— «Sim, mas que vós no estado espiritual vistes e presentistes quando fizestes a escolha. Entretanto não creiaes que tudo quanto acontece esteja escrito, como se costuma dizer; um acontecimento é muitas vezes a consequencia de uma coisa que fizestes por um acto de livre vontade, de modo que, si a não tivesseis feito, esse acontecimento não se daria. Si queimardes um dedo, isso pouco vale: é resultado da imprudencia e consequencia da materia; só as grandes dores, os acontecimentos importantes, que podem influir no moral, são previstos por Deus, visto serem uteis ao aperfeiçoamento e instrucção do homem.»

860. O homem pôde impedir, pela sua vontade e pelos seus actos, acontecimentos que deveriam ter lugar, e vice-versa?

«Pôde, si esse desvio apparente fizer parte da vida que escolhêra. Além disso, para fazer o bem, como lhe cumpre, pois que o bem é o unico alvo da vida, pôde impedir o mal, sobretudo aquelle que possa contribuir para um mal maior.»

861. O homem que commette um assassinato, ao escolher a sua existencia sabe que será assassino?

«Não; sabe que, escolhendo uma vida de lucta, corre o risco de matar um dos seus semelhantes, mas ignora si o fará, pois quasi sempre ha nelle deliberação antes de commetter o crime; ora, aquelle que delibera sobre uma coisa, é sempre livre de a fazer ou deixar de a fazer. Si o espirito soubesse com antecedencia que, como homem, viria a commetter um assassinato, concluir-se-ia dahi que estava predestinado a isso. Sabei, pois, que ninguem é predestinado ao crime, e que todos os crimes ou quaesquer outros actos são sempre o producto da vontade e do livre arbitrio.»

De resto, confundis sempre duas coisas bem distintas: os acontecimentos materiaes da vida e os actos

da vida moral. Si algumas vezes ha fatalidade, é nos acontecimentos materiaes, independentes da vossa vontade e cuja causa vos é estranha. Quanto aos actos da vida moral, esses emanam sempre do proprio homem, que tem, por consequencia, a liberdade de os praticar ou não; para esses actos *nunca* ha fatalidade.»

862. Ha pessoas que em tudo são mal sucedidas; parece que um genio mau as persegue em todos os emprehendimentos; não se pôde chamar a isto fatalidade?

«Será fatalidade, si quizerdes dar-lhe esse nome, ella porém depende do genero de existencia escolhido; é porque essas pessoas quizeram sujeitar-se á experiençia de uma vida de decepções, afim de exercitarem a paciencia e a resignação. Entretanto, não acrediteis que essa fatalidade seja absoluta; muitas vezes é o resultado do falso caminho que taes pessoas tomaram, e que não estava em relação com a sua intelligencia e aptidões. Aquelle que quer atravessar um rio a nado sem saber nadar, corre grande risco de afogar-se; dá-se o mesmo na maioria dos acontecimentos da vida. Si o homem só tentasse fazer o que estivesse em relação com as suas faculdades, seria quasi sempre bem sucedido; o que o perde é o amor proprio e a ambição, que o fazem sahir do seu caminho e tomar por vocaçao o que só é desejo de satisfazer certas paixões. Então, os seus emprehendimentos malogram-se, e a culpa é delle; mas em vez de queixar-se de si, preferre accusar a sua sorte. Ha tal què, podendo ser um bom operario e ganhar honrosamente a vida, quer antes ser mau poeta e morrer de fome. Haveria logar para todos si cada qual soubesse tomar o que lhe pertence.»

863. Os costumes sociaes não forcão muitas vezes o homem a seguir determinado caminho e, deste modo, não estará submetido á critica da opinião na escolha das suas occupações? O que chamamos res-

peito humano não é obstaculo ao exercicio do livre arbitrio?

«São os homens que fazem os costumes sociaes e não Deus; si elles se sujeitam a esses costumes é porque lhes convêm, o que é ainda acto do livre arbitrio, pois que, si o quizessem, poderiam libertar-se delles; neste caso, porque se queixam? Não é dos costumes sociaes que devem queixar-se, mas do seu louco amor proprio, que lhes faz preferir morrer de fome a derogal-os. Ninguem lhes leva em conta esse sacrificio feito á opinião, ao passo que Deus lhes levará em conta o sacrificio da vaidade. Não queremos dizer que se vá contra a opinião sem necessidade, como fazem certas pessoas, que têm mais originalidade que verdadeira philosophia; ha tanta falta de tino em se fazer apontar a dedo ou olhar como animal curioso, como ha circumspecção em descer voluntariamente e sem murmurar quando se não pôde manter uma alta posição.»

864. Si ha pessoas a quem a sorte é contraria, outras ha que parecem por ella favorecidas, pois que em tudo são bem succedidas; qual a causa?

«Muitas vezes é porque sabem melhor empregar os meios; mas tambem pôde isso ser um genero de provações; o successo embriaga-as; confiam na sorte, e muitas vezes pagam mais tarde esses mesmos successos por crueis revezes, que poderiam ter evitado com a prudencia.»

865. Como explicar a fortuna que favorece certas pessoas em circumstancias em que não influe a vontade nem a intelligencia; no jogo, por exemplo?

«Certos espiritos escolheram de antemão essa especie de prazer; a fortuna que os favorece é uma tentação. Aquelle que ganha como homem, perde como espirito; é uma provação para o seu orgulho e para a sua avidez.»

866. A fatalidade que parece presidir aos desti-

nos materiaes da nossa vida seria então ainda effeito do nosso livre arbitrio?

«Vós mesmos escolhestes a prova; quanto mais rude ella é, quanto melhor a supportardes, mais vos elevareis. Aquelles que passam a vida na abundancia e na felicidade humana, são espiritos indolentes que se conservam estacionarios. E' assim que o numero dos infelizes, neste mundo, excede muito ao dos felizes; os espiritos, na sua maioria, procuram a provação que lhes seja mais proveitosa. Vêem muito bem a futilidade das grandezas e gozos humanos. Demais, a vida a mais feliz é sempre agitada, sempre perturbada; quando mais não seja, pela ausencia da dôr.» (525 e seguintes).

867. Qual o fundamento da expressão: Nascer sob feliz estrella?

«Velha superstição que suppunha as estrellas com influencia no destino dos homens; allegoria que certa gente commete a tolice de tomar ao pé da letra.»

Conhecimento do futuro

868. O futuro pôde ser revelado ao homem?

«Em principio, o futuro é-lhe occultado, e só em casos raros e excepcionaes Deus permite seja elle revelado.»

869. Com que fim é o futuro occultado ao homem?

«Si este o conhecesse não se importaria com o presente e não obraria com a mesma liberdade, porque seria dominado pela ideia de que si uma coisa dessesse acontecer, de nada lhe serviria ocupar-se della, ou então buscaria impedil-a. Deus não quiz que assim fosse, afim de cada um concorrer para a realização das coisas, mesmo daquellas a que quizera oppor-se; as-

sim, vós mesmos preparaes muitas vezes, sem o saberdes, os acontecimentos que hão de sobrevir no curso da vida. »

870. Visto ser util que o futuro seja occultado, por que permite Deus algumas vezes a sua revelação?

« Permitte-o quando esse conhecimento prévio deve facilitar a realização de um designio, em vez de o estorvar, fazendo com que se proceda de modo diverso daquelle que se seguiria si assim não fosse. Muitas vezes é uma provação. A perspectiva de um acontecimento pôde despertar ideias melhores ou peores; si um homem souber, por exemplo, que vai receber uma herança com que não contava, poderá ser tentado pelo sentimento da ambição, pelo prazer de aumentar os gozos terrestres, pela vontade de possuir essa herança mais depressa, desejando talvez a morte daquelle que lh'a deve deixar, e pôde, ao envez, a mesma perspectiva despertar nelle bons sentimentos e pensamentos generosos. Si a predição não se realiza, outra prova que consiste na maneira como elle supportará a deceção; mas, em todo o caso, terá sempre o merito ou demérito dos pensamentos bons ou maus a que a sua crença nessa emergencia dér origem. »

871. Desde que Deus sabe tudo, deve saber si um homem vai succumbir ou não a uma prova; qual é entâo a necessidade dessa prova, visto como nada pôde ella demonstrar a Deus a respeito desse homem que elle o não saiba já?

« Equivale a perguntar porque é que Deus não creou o homem perfeito e completo (119) ou porque o homem passa pela infancia antes de chegar á adolescencia (379). A provação não tem por fim demonstrar a Deus o merito desse homem, pois Deus sabe perfeitamente quanto elle vale; mas deixar a esse homem toda a responsabilidade do seu acto, visto que tem a liberdade de o praticar ou não. Tendo o homem a escolha entre o bem e o mal, a prova tem por effeito

polo em lucta com a tentação do mal e deixar-lhe todo o merito de resistencia; ora, ainda que Deus saiba muito bem de antemão si o homem triumphará ou não, não pôde, em sua justiça, punir-o nem recompensal-o por um acto não praticado. » (298).

Dá-se o mesmo entre os homens. Por muito apto que seja um estudante, por maior que seja a certeza que se tenha do seu triunfo, não se lhe confere grau algum sem exame, isto é, sem o experimentar. Um juiz tambem não condemna o accusado sinão por acto consummado, e não pela previsão de que elle possa ou deva consummar esse acto.

Quanto mais se reflecte nas consequencias que para o homem resultariam do conhecimento do futuro, mais se reconhece quão sabia foi a Providencia em lh'o occultar. A certeza de um acontecimento feliz, mergulhal-o-ia na inacção; a de um acontecimento infeliz, no desanimo, e num ou outro caso as suas forças ficariam paralyzadas. E' por isso que o fulmo não é mostrado ao homem sinão como *fim* a que deve chegar pelos seus esforços, sem contudo conhecer os trámites por que deve passar para o attingir. O conhecimento de todos os incidentes na jornada tirar-lhe-ia a iniciativa e o uso do livre arbitrio: fal-o-ia deixar-se arrastar pela vertente fatal dos acontecimentos, sem exercer as suas facultades. Quando o successo de uma empreza é seguro, não nos preocupamos com ella.

Resumo theorico do movel das acções humanas

872. A questão do livre arbitrio pôde resumir-se deste modo: o homem não é fatalmente conduzido ao mal; os actos que pratica não lhe estão prescriptos de antemão; os crimes que commette não são resultantes de um decreto do destino. Pôde, como prova e como expiação, escolher uma existencia em que seja incitado ao crime, quer pelo meio em que se ache collocado, quer pelas circumstancias que sobrevenham; mas tem sempre a liberdade de acceder ou não. Assim, o livre arbitrio existe no estado espiritual, na escolha da exis-

tencia e das provas, e para o estado corporal, na facultade de ceder ou resistir aos arrastamentos a que voluntariamente nos submettemos. Compete á educação combater essas más tendencias, e ella o fará com aproveitamento quando baseada no estudo aprofundado da natureza moral do homem. Pelo conhecimento das leis que regem essa natureza moral, conseguire-se-á modifical-a, como se modifica a intelligencia pela instrução, e o temperamento pela hygiene.

O espirito desprendido da materia e na erraticidade, escolhe as existencias corporaes futuras segundo o grau de perfeição a que chegou, e é nisto, como dissemos, que consiste principalmente o livre arbitrio. Essa liberdade não é annullada pela incarnation; si o homem cede á influencia da materia, é que succumbe sob as provações que elle proprio escolhera, e é para o ajudar a vencel-as que pôde invocar a assistencia de Deus e dos bons espíritos. (337).

Sem o livre arbitrio, o homem não tem culpa do mal nem merito do bem; e isto está por tal modo reconhecido que, na sociedade, proporciona-se sempre o elogio ou a censura á intenção, isto é, á vontade; ora, quem diz vontade diz liberdade. O homem não pôde, pois, procurar uma desculpa para os delictos na sua organização, sem abdicar o raciocínio e a condição de ser humano, para se equiparar ao bruto. Si isso se dêsse em relação ao mal, tambem se devia dar relativamente ao bem; mas o homem, quando pratica o bem, tem todo o cuidado em fazer disso um merito, que de modo algum attribue aos seus órgãos, o que prova que instinctivamente não renuncia, apezar da opinião de alguns systematicos, ao mais bello privilegio da sua especie: a liberdade de pensar.

A fatalidade, tal como vulgarmente a entendem, suppõe a decisão prévia e irrevogavel de todos os acontecimentos da vida, qualquer que seja a sua importancia. Si tal fosse a ordem das coisas, o homem

seria machina sem vontade. De que lhe serviria a inteligencia, si tivesse de ser invariavelmente dominado em todos os seus actos pelo poder do destino? Doutrina tal, si fôra verdadeira, seria a destruição de toda a liberdade moral; o homem não teria responsabilidade e, por consequencia, não haveria bem, nem mal, nem crimes, nem virtudes. Deus, soberanamente justo, não poderia castigar seus filhos por faltas cuja perpetração não tivesse dependido delles, nem recompensal-os por virtudes de que não houvessem merecimento. Lei tal seria além disso a negação da lei do progresso, pois que o homem, que tudo esperasse da sorte, nada tentaria para melhorar a sua posição, visto como o resultado seria o mesmo.

Comtudo, a fatalidade não é uma palavra van; ella existe na posição que o homem occupa na terra, e nas funcções que desempenha, em consequencia do genero de existencia que o seu espirito escolheu como prova, expiação ou missão; elle passa fatalmente por todas as vicissitudes dessa existencia, e por todas as tendencias boas ou más que lhe são inherentes; mas ahí termina a fatalidade, pois depende do seu esforço voluntivo ceder ou não a essas tendencias. Os pormenores dos acontecimentos são subordinados ás circumstanças que elle mesmo provoca pelos seus actos, e sobre os quaes os espíritos podem influir pelos pensamentos sugeridos. (459).

A fatalidade está, portanto, nos acontecimentos que se apresentam, uma vez que são elles as consequencias da existencia que o espirito escolheu, mas não pôde haver fatalidade no resultado desses acontecimentos, visto como pôde depender do homem modifical-hes o culto pela prudencia; nunca ha fatalidade nos actos da vida moral.

• E' na morte que o homem está submetido de modo absoluto á lei inexorável da fatalidade, pois não pôde escapar á sentença que lhe fixa o termo da

existencia, nem ao genero de morte que lhe deve interromper o curso.

Segundo a doutrina vulgar, o homem tira de si mesmo todos os instintos, os quaes provêm, quer da sua organização physica, de que elle não pôde ser responsavel, quer da sua propria natureza, na qual pôde encontrar desculpas perante si mesmo, allegando não ter culpa em ser feito assim. A doutrina espirita é evidentemente mais moral; admite no homem o livre arbitrio em toda a sua plenitude; mesmo dizen-do-lhe que, si fizer o mal, cede a uma má suggestão estranha, deixa-lhe toda a responsabilidade do acto, pois reconhece nelle o poder de resistir, coisa evidentemente mais facil do que si tivesse de lutar contra a sua propria natureza. Assim, segundo a doutrina espirita, não ha arrastamento irresistivel: o homem pôde sempre cerrar ouvidos á voz occulta que, no seu fôro intimo, o incita ao mal, como pôde cerral-os á voz material daquelle que lhe fala; consegue-o pela vontade, pedindo a Deus a força necessaria, e reclamando para esse effeito a assistencia dos bons espiritos. E' o que Jesus nos ensina na sua sublime *Oração dominical*: « Não nos deixeis cahir em tentação, mas livrae-nos do mal. »

Esta theoria da causa excitante dos nossos actos, resalta evidentemente de todo o ensino dado pelos espiritos, e não só é sublime de moralidade como tambem eleva o homem a seus proprios olhos; mostra-o livre de sacudir um jugo obsessor, como é livre de fechar a sua casa aos importunos; deixa de ser uma machine obrando por impulso independente da sua vontade, para tornar-se ser racional, que escuta, julga e escolhe livremente entre dois conselhos. Accrescentemos ainda que, apezar disso, o homem não está absolutamente privado de iniciativa; não procede menos por movimento proprio, pois que, em definitiva, elle não é sinão um espirito incarnado, que conserva sob o envol-

torio corporal as qualidades e defeitos que tinha como espirito. As faltas que commettemos têm pois origem primaria na imperfeição do proprio espirito, que não alcançou ainda a superioridade moral attingivel, mas que não deixa por isso de ter o seu livre arbitrio. A vida corporal é-lhe dada para se expurgar das imperfeições mediante provas que nella soffre, e são precisamente essas imperfeições que o tornam mais fraco e accessivel ás suggestões dos outros espiritos imperfeitos, que se aproveitam dellas para o fazerem succumbir na lucta emprehendida. Si sae vencedor dessa lucta, eleva-se; si baqueia, fica sendo o que era, nem peor nem melhor: é uma provação a recomeçar, e isto pôde durar longo tempo. Quanto mais se purifica, mais as fraquezas diminuem, e menos facilidade offerece áquelles que o incitam ao mal; a força moral cresce na razão da sua elevação, e os maus espiritos afastam-se então delle.

Todos os espiritos, mais ou menos bons, quando incarnados, constituem a especie humana, e, como a terra é um dos mundos menos adiantados, o numero dos maus espiritos é aqui maior do que o dos bons; eis porque vemos tanta perversidade. Façamos, portanto, todos os esforços para não voltar a este planeta, e para merecermos descansar em mundo melhor, em uma dessas espheras privilegiadas onde reina exclusivamente o bem, e onde só nos lembaremos da nossa passagem pela terra como de um tempo de exilio.